

A lição que Sarney tirou das eleições

GAZETA MERCANTIL

Sarney tirou das eleições

por Walter Marques de Brasília

"A eleição nos informa também que o governo não foi questionado. (...) Em nenhum momento o tema da campanha foi o questionamento da duração do mandato do presidente. Parece-me que esta é uma verdade nacional. Este assunto não foi um tema que tenha feito parte da agenda preferencial da campanha. Não foi tema de campanha. Pode ter sido uma afirmação esporádica de um candidato ou outro."

Com estas palavras confiantes, o presidente José Sarney enunciou a mais importante lição política entre as que ele extraiu das eleições da última sexta-feira, ao fazer, ontem, no Palácio do Planalto, uma breve avaliação dos resultados do pleito e responder rapidamente a quatro perguntas dos jornalistas credenciados na Presidência da República.

Sarney evitou os detalhes e brindou com elogios a vitoriosos e derrotados. Contudo, segundo um de seus mais categorizados assessores, a derrota do PMDB em São Paulo contribuiu para equilibrar a balança das forças que dão sustentação política ao governo, a qual, até a última sexta-feira, pendia fortemente para o lado do partido presidido pelo deputado Ulysses Guimarães.

E, portanto, neste contexto, que o presidente afirmou em seu balanço das eleições que "a Aliança Democrática teve um desempenho razoável" e ainda que, "como todas as eleições, essa vai, naturalmente, ter consequências". Ele aconselhou os políticos que integram ou apoiam o seu governo a fazerem uma reflexão sobre o resultado das eleições, analisá-lo, meditar e, ao mesmo tempo, aproveitar os ensinamentos".

Sarney procurou, contu-

do, deixar desde logo esclarecido que, entre as consequências das últimas eleições, não estará a discriminação contra os prefeitos eleitos dos partidos que não integram a Aliança Democrática. "O governo não discriminará nenhum estado, qualquer que tenha sido o resultado das eleições. Nenhum governo pode contestar uma decisão soberana do povo. Ele tem de respeitar essa decisão. E a disposição do governo federal é de exatamente colaborar com os eleitos numa tarefa conjunta, que é aquela que espera o povo brasileiro: o bom desempenho dos seus governantes."

A disposição do presidente da República de manter desimpedido o trânsito político do governo também ficou patente quando ele inseriu, ao final de sua avaliação das eleições, o apelo reiterado de que os adversários eleitorais de ontem se esforcem para preservar o princípio da convivência democrática. "Passada a batalha eleitoral, todos nós devemos esquecer os excessos, porque, como eu já disse, todos nós políticos podemos ser adversários, mas não estamos condenados a ser inimigos. E a democracia vive."

(Continua na página 6)

A lição que Sarney tirou das eleições

GAZETA MERCANTIL

por Walter Marques de Brasília (Continuação da 1ª página)

Ela vivifica-se da convivência, porque fora da convivência democrática cresce o germe da violência".

Imediatamente, no entanto, o resultado das eleições não deve provocar mudanças no ministério. Segundo o porta-voz da Presidência, Fernando César Mesquita, o presidente tem dito que somente mudará o ministério, ressalvada hipótese de um fato novo, quando os ministros que pretendem disputar uma vaga na Constituinte deixarem o governo em atendimento ao prazo legal estabelecido pela Constituição. Mudanças no ministério, portanto, somente ocorreriam a acontecer no princípio de 1986.

Finalmente, depois de responder às perguntas de jornalistas, o presidente, numa tirada bem humora-

da, tomou a iniciativa de dizer que havia feito uma pergunta "que está na cabeça de todos. E o resultado da eleição no Maranhão". Os jornalistas riram e ele riu junto, esclarecendo em seguida não ter participado da campanha em seu estado e em nenhum momento ter dito que candidato ia votar. "Votei no Maranhão porque o Brasil não podia assistir à cena do presidente da República sentado numa agência dos Correios e Telégrafos justificando não ter votado nas eleições do dia 15", explicou. Lembrou então o provérbio maranhense de que "A verdade é como o manto de Cristo: não tem costura". Sarney finalizou com o mesmo, afirmando que candidato em que eu votou perdeu as eleições. E esta é a melhor demonstração de melhor exemplo de que o Brasil vive uma grande democracia".

"A eleição mais livre"

Esta é a íntegra da entrevista do presidente José Sarney concedida ontem aos jornalistas credenciados no Palácio do Planalto:

Presidente: Os senhores, naturalmente, estão todos curiosos e ansiosos por uma palavra do presidente sobre as eleições do dia 15 de novembro. Quero dizer que, para o presidente da República, é muito mais importante o significado global da eleição do que realmente o resultado da eleição. E o significado global é de que o Brasil viveu a mais livre de todas as suas eleições. O povo, livremente, teve oportunidade de escolher os seus candidatos, questionar e debater numa festa democrática, talvez das maiores que já tivemos neste país.

Posso mesmo afirmar, do que tenho ouvido, de que foi a eleição mais livre que o Brasil já teve.

Por outro lado, foi uma oportunidade de afirmação de novas lideranças, de consolidação de outras e, ao mesmo tempo, uma oportunidade do Brasil fazer uma reflexão conjunta sobre todos os seus problemas.

A Aliança Democrática teve um desempenho razoável.

A postura do presidente da República, como os senhores sabem, foi aquela de não participar da campanha. E não participou. E acha que foi uma posição que ajudou o País, ajudou a eleição e ao mesmo tempo deu à disputa uma feição de uma total imparcialidade pessoal do presidente, embora o presidente, como político, tenha torcido pelos seus candidatos.

Toda eleição deixa uma lição. E essa lição, naturalmente, é um aprendizado. Nós temos que fazer uma reflexão sobre o resultado das eleições, analisá-lo, meditar e, ao mesmo tempo, aproveitar os ensinamentos. E como todas as eleições, essa vai, naturalmente, ter consequências.

Eu quero dizer, como presidente da República, que o governo não discriminará nenhum estado, qualquer que tenha sido o resultado das eleições. Nenhum governo pode contestar uma decisão soberana do povo. Ele tem de que respeitar essa decisão. E a disposição do Governo Federal é de exatamente colaborar com os eleitos numa tarefa conjunta, que é aquela que espera o povo brasileiro: o bom desempenho dos seus governantes.

Outra lição que também retirei dessa eleição é a certeza da linha do governo na sua opção pelos pobres, preferencialmente, e na opção social.

A eleição nos informa também que o governo não foi questionado, mas nem por isso ele está eximido de fazer uma análise dos resultados eleitorais.

Desejo congratular-me com todos os eleitos. E me congratular também com todos aqueles que tomaram parte na eleição, todos aqueles que concorreram à eleição. Porque, de certo modo, os vencedores e aqueles que tiveram insucesso, todos eles contribuíram para o fortalecimento da democracia no nosso país.

Desejo reiterar um apelo final, que é aquele que eu já fiz, de que neste instante passada a batalha eleitoral, todos nós devemos esquecer os excessos, porque, como eu já disse, todos nós políticos, podemos ser adversários, mas não estamos condenados a sermos inimigos. E a democracia vive. Ela se vivifica da convivência, porque fora da convivência democrática cresce o germe da violência.

E a violência em nada ajuda a democracia.

Temos que aprender a conviver, a saber ganhar e a saber perder.

Eram essas as palavras que eu tinha a dizer nesta tarde.

Repórter: Presidente, o prefeito eleito, Saturnino Braga, disse que o resultado das eleições, o desempenho da Aliança Democrática nelas, mostra que o governo tem que repensar a duração do seu mandato. Como é que o senhor vê essa hipótese?

Presidente: Eu acho que uma análise que se pode fazer dessa eleição é que em nenhum momento o tema da campanha foi o questionamento da duração do mandato do presidente. Me parece que esta é uma verdade nacional. Este assunto não foi o tema que tenha feito parte da agenda preferencial da campanha. Não foi tema de campanha. Pode ter sido uma afirmação esporádica de um candidato ou outro.

Repórter: Mas há um jornal dizendo, hoje, que há uma pesquisa dentro do próprio Palácio do Planalto, cujo resultado é que 41,7% da população deseja a redução do seu mandato por 2 anos. Existe esta pesquisa aqui dentro?

Presidente: O presidente não conhece essa pesquisa feita aqui dentro do Palácio do Planalto. E uma prova de que não existe.

Repórter: Presidente, e que a derrota do PMDB em São Paulo e Rio de Janeiro afetará o seu governo? Vai facilitar a criação de dificuldades?

Presidente: Não, eu acho que de nenhuma maneira, como disse, a derrota do PMDB no Rio de Janeiro e em São Paulo pode afetar o governo.

Eu acabo de dizer que o governo não discriminará de nenhuma maneira e com nenhum candidato.

Repórter: Presidente, neste fim de semana o senhor teve um encontro com o ministro da Fazenda, Dilson Funaro. Nós gostaríamos de saber: proximo o governo vai enviar ao Congresso Nacional um elenco de medidas econômicas para aprovação pelos parlamentares. Gostaríamos de saber quais são os pontos principais na sua opinião, desse elenco de medidas. E, caso for necessário, o senhor pretende utilizar decreto-lei para aprovar esse elenco de medidas?

Presidente: Eu não posso antecipar essas medidas. Ainda estão sendo estudadas. Ainda não estão definidas. De maneira que isso me impede de fazer qualquer antecipação. Mas eu acho que faltou uma pergunta que está na cabeça de todos. E o resultado da eleição no Maranhão.

Eu quero dizer que em nenhum momento o presidente participou da campanha, também em nenhum momento eu tive a oportunidade de dizer o nome do candidato em que eu iria votar.

Votei no Maranhão, porque o Brasil não podia assistir à cena do presidente da República sentado numa agência dos Correios e Telégrafos justificando não ter votado na eleição do dia 15. Mas, quando fui ao Maranhão, em minha companhia viajaram parlamentares de todos os partidos. Mas há um provérbio na minha terra que diz o seguinte: A verdade é como o manto de Cristo. Não tem costura.

Mas eu quero dizer agora que o candidato em que eu votou perdeu as eleições. E esta é a melhor demonstração de melhor exemplo de que o Brasil vive uma grande democracia. Muito obrigado.